COMPASSO DE ESPERA

ROGÉRIO MORI
Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP)

O DESFECHO das eleições de 2018, com a vitória do presidente Jair Bolsonaro, foi acompanhado por uma significativa melhora das expectativas dos investidores, dos empresários e dos consumidores brasileiros. Esse fenômeno pôde ser bem evidenciado por meio dos indicadores de confiança apurados ao longo dos últimos meses.

Como reflexo desse processo, verificou-se, no último trimestre do ano passado, uma melhora no ritmo das vendas no comércio e da atividade industrial. Esse resultado representou um alívio ante um ano significativamente conturbado do ponto de vista econômico.

Nesse sentido, a recuperação em curso no primeiro semestre de 2018 foi abortada após a greve dos caminhoneiros em maio. No terceiro trimestre, as incertezas associadas ao processo eleitoral e ao seu desfecho levaram o nível de tensão dos agentes econômicos às alturas. Isso resultou numa postergação de várias decisões econômicas (consumo, investimentos, novas contratações etc.) para depois do encerramento das eleições. Desta forma, o último trimestre do ano representou um alívio do ponto de vista econômico em meio a um ano turbulento em várias dimensões.

A transição para o novo governo ocorreu sem maiores sobressaltos, afora aqueles associados à natural formação de uma nova equipe. Com isso, o desenho dos próximos passos para as ações governamentais ganhou contornos mais nítidos.

Vale ressaltar que o novo governo herdou vários elementos positivos do ponto de vista econômico. Nesse sentido, a inflação brasileira situa-se em um patamar relativamente baixo – em torno de 4% no acumulado em doze meses – e não dá sinais de que irá subir significativamente ao longo de 2019. Isso representa um aspecto positivo para o início do governo Bolsonaro.

Em associação a esse fenômeno, dado que a inflação não apresenta uma tendência de alta, a meta da taxa básica de juros (Selic) – atualmente em 6,50% a.a. – não deverá subir ao longo deste ano, o que também representa um ponto positivo para o novo governo.

Ainda no campo positivo, as contas externas brasileiras mostram um quadro favorável ao País, com um déficit em transações correntes baixo e um nível de reservas internacionais próximo a US$ 400 bilhões. Isso indica que a economia brasileira não deverá enfrentar maiores dificuldades nas suas contas externas em 2019.

Os maiores desafios que o governo Bolsonaro enfrentará, logo no seu início, serão de natureza fiscal. Desde 2014, as contas públicas brasileiras passaram a exibir um quadro de acelerada deterioração. Nesse sentido, o resultado primário do setor público brasileiro registrou um superávit de 1,7% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2013. No ano seguinte, esse resultado registrou um déficit da ordem de 0,6% do PIB. Nos anos seguintes, o quadro de deterioração do resultado primário do setor público agravou-se e, no acumulado em doze meses encerrados em novembro de 2018, registrou um déficit de 1,5% do PIB.

Por conta disso, a dívida bruta do Governo, que se situava em torno de 50% do PIB, até 2013, saltou



SHUTTERSTOCK

para mais de 75% do PIB, no final do ano passado. Esse quadro só não foi mais grave por conta dos esforços da equipe do governo Temer em conter gastos públicos nos últimos anos. De qualquer forma, a manutenção do deteriorado quadro fiscal brasileiro nos próximos anos colocará em risco a sustentabilidade da dívida pública, aumentando o risco potencial de uma moratória desta.

Em face disso, fica claro que a prioridade do novo governo será lidar com a temática fiscal. Nesse quesito, a previdência representa o principal foco de problemas. O déficit do INSS, em 2018, foi da ordem de R$ 190 bilhões e consumiu todo o esforço fiscal realizado pelo governo federal, levando a uma situação deficitária.

Desta forma, espera-se que uma proposta de reforma da previdência seja encaminhada pelo governo ao Congresso Nacional nos primeiros dias de reabertura deste. Muito provavelmente, a tramitação dessa proposta na Câmara dos Deputados e no Senado será o foco da atenção no primeiro semestre do ano.

Com isso, a economia brasileira ficará em um compasso de espera acompanhando a tramitação desse tema no Legislativo. Um desfecho favorável ao governo nesse tema, fatalmente, aumentaria o otimismo com a economia brasileira. Resta aguardar. ■